

O mal-estar na uberização: reflexões acerca do trabalho na perspectiva da lógica neoliberal

Fabício Gonçalves Ferreira¹

Universidade Federal de Catalão (Catalão, GO, Brasil)

Elzilaine Domingues Mendes²

Universidade Federal de Catalão (Catalão, GO, Brasil)

Emilse Terezinha Naves³

Universidade Federal de Catalão (Catalão, GO, Brasil)

O aumento do desemprego e a ampliação das condições de informalidade podem ser considerados fontes de mal-estar e sofrimento psíquico. A fluidez do vínculo entre empregador e empregado suprime as possibilidades de direitos e garantias trabalhistas. Esse é o caso do trabalho uberizado, em que os profissionais atuam na condição de prestadores de serviço e, em geral, são integralmente responsáveis pelo serviço prestado. Considerando essa situação, este estudo buscou discutir as consequências subjetivas ocasionadas pela uberização a partir de entrevistas semiestruturadas, compostas por perguntas disparadoras de conteúdo e amparadas na investigação clínico-interpretativa do método psicanalítico. Para tanto, foram entrevistados quatro entregadores de *delivery* do município de Catalão (Goiás), que apontaram as condições de informalidade no trabalho, exploração e exaustão. Além disso, as entrevistas evidenciaram a complexidade da lógica neoliberal e o sofrimento psíquico determinado pelos atuais modos de degradação da vida.

Palavras-chave: Uberização, Entregadores de *delivery*, Sofrimento psíquico, Psicanálise.

Uberization malaise: reflections about work under neoliberal capitalism

Increased unemployment rates and work informality are sources of malaise and psychic suffering. Flexible relations between employer and employee suppresses labor rights and guarantees. Such is the case of uberized work, in which professionals act as service providers and are usually fully responsible for the service provided. Hence, this study discusses the subjective consequences caused by uberization. Semi-structured interviews consisting of content-triggering questions and supported by clinical-interpretive investigation were conducted with four delivery workers from Catalão (Goiás). Interviewees highlighted the conditions of work informality, exploitation, and exhaustion, thus revealing the complexity of the neoliberal logic and the psychic suffering caused by the current precarization of life.

Keywords: Uberization, Delivery workers, Psychic illness, Psychoanalysis.

1 <https://orcid.org/0000-0003-2744-5205>

2 <https://orcid.org/0000-0002-3739-941X>

3 <https://orcid.org/0000-0003-1152-2325>

Para Freud (1930-1936/2010), o processo civilizatório resulta da renúncia à satisfação direta das pulsões. Nesse sentido, a passagem do estado de natureza para a cultura exige que o sujeito internalize leis que garantam a sua sobrevivência e segurança na vida em sociedade. Assim, ele vivencia uma tensão entre a liberdade individual e a segurança coletiva, o que gera um antagonismo entre as forças de Eros e o processo civilizatório, uma vez que a civilização avança ao preço da insatisfação ou sacrifício da vida pulsional. Essas renúncias provocam um sentimento de hostilidade em relação à cultura, denominado por Freud de mal-estar. O processo civilizatório nos condena a uma vida em que o sentimento de felicidade é raro, feito de breves momentos de satisfação, ao passo que o mal-estar e o sofrimento nos acompanham a maior parte do tempo. Para Freud (1930-1936/2010), o trabalho é uma das formas de dominação da natureza do ato civilizatório. Nesse sentido ele afirma:

Após o homem primitivo descobrir que estava em suas mãos – literalmente – melhorar sua sorte na Terra mediante o trabalho, não podia lhe ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele. O outro indivíduo adquiriu a seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver (Freud, 1930-1936/2010, p. 61).

Freud (1930-1936/2010) acrescenta que a atividade profissional pode ser fonte de satisfação se for escolhida livremente, a exemplo da sublimação, mas não é vista como caminho para a felicidade para a maioria das pessoas, que só trabalham sob pressão da necessidade. Nesse caso, ela pode ser fonte de dissabores e castigos, vista assim como um fardo a ser tolerado, o que pode se tornar fonte de mal-estar e também de sofrimento.

Conceitualmente, a palavra trabalho é apresentada como uma atividade realizada com determinada finalidade ou objetivo, possuindo caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; ofício, profissão; trabalho remunerado ou assalariado, dentre outros (Menezes, 2010). Segundo Albornoz (1994), o trabalho é originário do latim *tripalium*, instrumento feito com três paus e que os agricultores utilizavam para bater no trigo, nas espigas de milho ou no linho, especificamente para rasgá-los e esfiapá-los.

No campo da psicanálise, o significante trabalho (*Arbeit*) está relacionado não apenas à condição laboral. Em seus escritos, Freud apresenta o significante trabalho também como *Trauerarbeit* (trabalho do luto), *Deutungsarbeit* (trabalho de interpretação), *Kulturarbeit* (trabalho da civilização), *analytische Arbeit* (trabalho analítico) e *Traumarbeit* (trabalho do sonho). Essas condições estão relacionadas a um processo subjetivo e não necessariamente à execução de atividade laboral. Todavia, no que se refere ao trabalho como ofício, Freud (1930-1936/2010) considera que ele pode ser um recurso para obtenção de prazer, mas também de desprazer:

Nenhuma outra técnica para a condução da vida prende a pessoa tão firmemente à realidade como a ênfase no trabalho, que no mínimo a insere de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que oferece de deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais – narcísicos, agressivos e mesmo eróticos – empresta-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade (Freud, 1930-1936/2010, p. 36).

As transformações econômicas ocorridas no final do século XX e início do século XXI tiveram um impacto significativo na ordem social moderna a partir das conquistas tecnológicas, científicas, culturais e políticas, alterando drasticamente as condições de trabalho. Ao analisar essas mudanças, Dardot e Laval (2016) afirmam que elas foram impulsionadas pelo neoliberalismo. Para eles, o neoliberalismo “não é apenas uma ideologia”, mas sim “um sistema normativo que ampliou a sua

influência no mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (p. 7). O neoliberalismo determina as relações sociais com base no modelo de mercado, o que significa que o sujeito deve gerir a própria vida como se gerisse uma empresa.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Melman (2008) explica que estamos diante de uma nova economia psíquica. Se antes a economia era organizada pelo recálculo, agora o mercado é regulado pelo consumo nas suas mais variadas formas, e a palavra de ordem do momento é gozar a qualquer preço. Melman (2008) e Dardot e Laval (2016) apontam que a economia neoliberal, que prega a liberdade e a autonomia, estende o funcionamento empresarial para a subjetividade, que passa a funcionar como uma subjetividade contábil e financeira. Trata-se de um sistema marcado pela desproteção do Estado, que incentiva o desempenho e a livre concorrência. Ao funcionar como um empresário, o sujeito passa a ser o único responsável pelas suas ações e escolhas.

Dentro desse contexto presenciamos o surgimento de novos costumes de vida, estilos e distintas formas de organização social (Menezes, 2010). Essas alterações (no cenário social, econômico e político) elencaram uma série de transformações na força de trabalho e na oferta de serviços, dentre as quais pode-se mencionar o processo de “uberização”⁴.

O fenômeno da uberização consiste em um encadeamento no qual as relações de trabalho ocorrem de forma individualizada e invisibilizada, assumindo, assim, um caráter de “prestação de serviços”. Essa nova configuração laboral tem suprimido as relações de assalariamento e refinado os processos de exploração do trabalho, fazendo com que a pessoa empregada seja uma prestadora ou colaboradora de serviços. Esta fluidez contratual é responsável por expor os profissionais a altas cargas horárias de trabalho que, em alguns casos, são superiores a doze horas diárias, com ausência de folgas semanais e de férias, valores baixos pelo serviço realizado e demissões sem justificativa, além de os trabalhadores arcarem com os custos de manutenção dos veículos, motos, bicicletas, celulares e equipamentos (Antunes, 2020).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), 13,9 milhões de pessoas estavam desempregadas em 2021. Esses indivíduos, vitimados pelo desamparo econômico e incapacitados de suprir suas demandas básicas para a manutenção da vida, como alimentação, saúde, lazer e segurança, são fígados pelo fetiche neoliberal de tornarem-se empresários de si mesmos. Empresas como Uber, iFood, Rappi, Tô no Lucro etc. vendem a ilusão de autonomia e liberdade financeira, ao passo que funcionários vinculados à ideia de prestadores de serviço são imputados à autogestão. Desse modo, os entregadores assumem a administração dos gastos, o lucro, o transporte, as perdas e o tempo.

Outro fator alarmante que contribuiu para o aumento desses infoproletários, trabalhadores que dependem de meios informacionais para execução do serviço, foi a pandemia da covid-19, circunstância de escala mundial que acabou por comprometer a força de trabalho de muitas famílias. Com a ausência de uma ou todas as fontes de renda do lar, as empresas de serviços de entrega atraem os trabalhadores e desempregados com a noção de complemento da renda, o “a mais no final do mês”. Nesse contexto, questionamos quais as consequências subjetivas desse investimento no campo do trabalho. Trabalhar à deriva, sem segurança das leis trabalhistas, para melhorar a renda não criaria condições para provocar uma corrosão nas estruturas de organização psíquica do sujeito, sendo fonte de sintomas, mal-estar e sofrimento psíquico?

Destarte, ao passo que compreendemos a psicanálise enquanto possibilidade investigativa extramuros, temos o objetivo de construir caminhos e discussões a respeito dos atravessamentos da lógica neoliberal e o sofrimento psíquico.

⁴ A palavra uberização consiste em um termo metafórico advindo do nome da empresa Uber Technologies Inc., que cunhou o modelo de trabalho sob demanda. Ela funciona por meio de um aplicativo (plataforma de economia colaborativa), criado e gerenciado por uma empresa de tecnologia que conecta os fornecedores de serviços diretamente aos clientes. No entanto, esse modelo de contratação tem contribuído para a ampliação da informalidade trabalhista no Brasil (Academia Brasileira de Letras, s.d.).

Metodologia

Ao criar a psicanálise, produto das pesquisas clínicas com as históricas, Freud inaugurou um método de investigação da psique. O que se inicia apenas como tratamento é convertido também no que podemos denominar de uma teoria da cultura. O autor considera que:

Como ciência, a psicanálise não se caracteriza pela matéria de que trata, e sim pela técnica com que trabalha. Pode-se aplicá-la tanto à história da civilização, ao estudo da religião e da mitologia como à teoria das neuroses, sem com isso violentar sua natureza. Ela não faz nem pretende fazer outra coisa que não seja desvendar o inconsciente na vida psíquica (Freud, 1914-1916/2014, p. 419).

Nesse sentido, entendemos que a teoria psicanalítica não se restringe à prática terapêutica, tampouco à psicologia individual. Freud evidencia que a psicanálise implica além do consultório, podendo se estender à cultura, à literatura, à arte, à religião, à civilização, ao conhecimento e tudo o que é relativo ao humano nas múltiplas manifestações da psique (Menezes, 2010).

Assim, utilizamos o método psicanalítico como estratégia de investigação clínico-interpretativa (Dockhorn & Macedo, 2015). Alinhada à associação livre, escuta flutuante e transferência, o método psicanalítico nos auxilia na investigação dos atravessamentos e influências psíquicas que o fenômeno da uberização faculta à saúde mental de entregadores de *delivery* do município de Catalão, Goiás. Esse fenômeno abrange vários meios de locomoção (bicicleta, carro, moto), atendendo diversos setores e serviços. Aqui, propomos uma discussão a partir da realidade de entregadores que prestam serviços de entrega com motocicletas. Como aporte teórico, nos fundamentamos no viés psicanalítico sob a luz de Dejours e Freud, além de sociólogos e críticos dos atuais contextos neoliberais, como Antunes, Carneiro, Dardot, Laval e outros.

Foram entrevistados quatro trabalhadores de *delivery*, sendo três homens e uma mulher, todos residentes do município de Catalão e atuantes no serviço de entrega há mais de 12 meses. Os participantes têm idade entre 23 e 35 anos e foram identificados pelos seguintes nomes fictícios: Alisson (A.), 23; Geovana (G.), 24; Vitor (V.), 31 e Willian (W.), 35. As entrevistas semiestruturadas foram orientadas por meio de perguntas disparadoras de conteúdo, seguindo o processo de livre associação de cada entrevistado. Tanto na realização das entrevistas quanto na análise dos dados fizemos uso do método psicanalítico com o objetivo de colocar em funcionamento, desde o início da nossa pesquisa, a técnica psicanalítica. Ela consiste na associação livre por parte do entrevistado e na atenção flutuante por parte do pesquisador-analista. Assim, levamos em conta que todo esse processo foi atravessado pela transferência, que possibilitou a discussão, análise e interpretação dos dados aqui apresentados.

Segundo Rosa (2004), na pesquisa em psicanálise levamos em consideração que o saber está no sujeito do inconsciente e será produzido no decorrer da relação transferencial, e a escuta psicanalítica se manifesta em outros contextos que não apenas a clínica. Ainda de acordo com Rosa (2004), “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (pp. 341-342).

Nesse caso, nosso objetivo não foi dar respostas às questões aqui levantadas, mas ampliar o olhar para o fenômeno da uberização e possibilitar a abertura para que novos significantes surgissem e dessem base para a construção de um novo texto, podendo contribuir para a construção de sentidos do problema investigado. Assim, o trabalho da transcrição das entrevistas foi fundamental, permitindo que investigássemos de forma mais detalhada aquilo que se repetiu nos discursos dos sujeitos entrevistados.

Em decorrência da pandemia, todas as participações ocorreram de forma remota, com o uso das plataformas Google Meet e Zoom. Após as entrevistas on-line, o conteúdo foi transcrito para posterior análise e interpretação. Todos os entrevistados tiveram acesso ao termo de compromisso livre e esclarecido (TCLE). A pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão (CEP-UFCAT). Como medida de biossegurança em função da pandemia, não houve coleta presencial de assinaturas, constando que as entrevistas foram gravadas e que, posteriormente, os entrevistados leram e autorizaram sua participação de forma oral.

Vidas errantes: o trabalho a luz da lógica neoliberal

Pellegrino (1983) retoma o *Mal-estar na civilização* (Freud, 1930-1936/2010) e diferencia o pacto edípico e o pacto social. O primeiro acontece na infância e é um pacto de mão dupla, que exige da criança a renúncia de seus desejos em relação às figuras parentais, o que em troca lhe oferece o direito de receber um nome, uma filiação, o acesso à ordem simbólica e aos recursos para o desenvolvimento e participação na vida social. Apesar disso, o pacto edípico produz um mal-estar que, a longo prazo, se manifesta por meio do sofrimento psíquico. Já na idade adulta, acrescenta-se ao primeiro o pacto com a lei da cultura, o pacto social, que é estruturado em torno do trabalho e também deve ser de mão dupla. Nesse sentido, o trabalhador oferece o seu trabalho à sociedade e em troca deve receber direitos inalienáveis que lhe garantam uma vida digna na sociedade.

Quando o pacto social é de mão única, ou seja, quando os direitos trabalhistas são desrespeitados, o pacto pode se romper e causar um abalo nas estruturas do sujeito, tornando-o hostil em relação à sociedade, o que pode se manifestar por meio da violência, delinquência e comportamentos antissociais. Em alguns casos, o adoecimento físico ou mental é inevitável diante das insatisfações ocasionadas pelas pressões da vida social. Essa ideia freudiana constitui um aspecto fundamental para a compreensão do trabalho na contemporaneidade, contexto em que o trabalhador entrega parte de sua força de trabalho em troca de um salário. Todavia, a troca não tem sido justa, visto que o alto índice de precarização do trabalho e a crescente taxa de desemprego denunciam uma realidade em que milhares de pessoas têm trabalhado em condições análogas à escravidão, na tentativa de garantir apenas a sobrevivência.

O processo aqui discorrido nos possibilita pensar em um pacto de mão única, uma vez que ele traz benefícios maiores aos empregadores, relegando os trabalhadores à condição de exploração. Deste modo, se a repressão das pulsões para o convívio em sociedade é causa de insatisfação, podendo se manifestar por meio de sintomas, sendo fonte de sofrimento psíquico, quais são as consequências desse pacto trabalhista para a saúde mental desses trabalhadores? E quais são as implicações desse pacto “de mão única” para a saúde dos entregadores de *delivery*?

Partindo dessas questões, visamos esclarecer alguns aspectos referentes ao papel do trabalho na vida do sujeito contemporâneo. Para Carneiro (2011), o trabalho é condição fundamental para a reprodução das dimensões da vida social. Em outras palavras, a autora aponta que o trabalho é responsável por garantir ao sujeito o caráter de cidadania. Nesse sentido, Freud (1930-1936/2010) desenvolve a ideia de que o trabalho, bem como a religião, foi um dos instrumentos criados pelo homem para lidar com o desamparo (*Hilflosigkeit*) e conseguir viver em sociedade.

Devemos levar em conta que, na mudança da sociedade de produção para a sociedade de consumo, o trabalho passou a ter um lugar de destaque, uma vez que, para poder consumir, o sujeito deve apresentar desempenho satisfatório. No entanto, a problemática do desemprego evidencia o potencial desamparo vivenciado pelo homem na contemporaneidade. A não empregabilidade está relacionada, além de outros fatores, ao processo de terceirização, informalidade e flexibilização das empresas (Antunes, 2020).

Nesse contexto, as responsabilidades e garantias, do Estado ou do empresário, são reduzidas ao mínimo. Além disso, visibilizando essa redução de direitos e atribuições do empregador ao empregado, observamos a intensificação do processo de automação. Em outros termos, as empresas buscam investir incessantemente em tecnologias na tentativa de tornar o trabalho mais produtivo e, conseqüentemente, dispensar parte considerável de sua mão de obra. Essa dispensa acarreta a diminuição dos postos de trabalho e torna o desemprego uma experiência crescente (Lustoza, 2009).

Segundo o IBGE (2022), houve aumento de ocupações informais nos últimos anos. Em 2020 os trabalhadores da categoria informal correspondiam a 33,3 milhões de pessoas e em 2021, o mesmo grupo continha 36,6 milhões de pessoas. Compreende-se que a pandemia de covid-19 foi um fator de intensificação da condição de informalidade no mercado de trabalho, podendo ter impulsionado a condição de miserabilidade de parte considerável da classe trabalhadora. Nesse sentido, atravessados pela pandemia e pelos avanços da lógica neoliberal, milhares de trabalhadores e trabalhadoras acabam sendo lançados à margem da legislação social protetora do trabalho (Antunes, 2020). Algumas dessas condições podem ser observadas a partir dos relatos obtidos nas entrevistas.

. . . como não estava conseguindo arrumar emprego acabei indo fazer entrega, mesmo sem conhecer a cidade. E tamo aí até hoje, acabou que era pra ser um bico e fixou . . . tem mais ou menos 1 ano e 6 meses (A., 23).

Eu faço mais é serviço de entrega, como uma forma de renda extra. Eu sou concursado aqui em Catalão. Logo depois da saída da Dilma, eu acho que sei lá, por causa do corte de gastos, o meu salário foi bem reduzido, sabe. . . . Eu faço a carga horária na prefeitura, de 8 h normal diária, e depois do expediente eu vou fazer as entregas (V., 31).

De dia eu trabalho como promotora de vendas no supermercado e à noite eu trabalho fazendo entrega em uma pizzaria . . . moro sozinha e trabalho em dois empregos . . . eu tenho um filho (G., 24).

Como foi explicitado, o desemprego ou a necessidade de complementar a renda tem sido um dos fatores primordiais ao aumento da busca pelo trabalho de *delivery*. Este fator é explicitado por Dardot e Laval (2016), que retratam o medo social causado pela corrosão dos direitos trabalhistas e a instalação de uma forte insegurança nos assalariados pelas “novas formas de emprego”, precárias e provisórias, facilidades cada vez maiores para demissão e a perda do poder de compra, desamparando o trabalhador e o elevando a um grau de maior dependência dos empregadores.

A falta de perspectiva de conseguir um emprego formal aliada à necessidade de sobrevivência faz com que o sujeito invista no trabalho informal. A expressão relacionada à falta de trabalho formal pode ser atestada quando Alisson aponta que sua inserção no emprego de *delivery* se deu pelo desemprego e pela ausência de oportunidades desde sua chegada à cidade em que mora atualmente. Além disso, quando Vitor e Geovana discorrem sobre suas realidades de dupla jornada, contornadas pela incerteza e dificuldade de gestão dos gastos, são forçados a buscar uma segunda alternativa para estruturar e garantir a manutenção de suas vidas. Essa dinâmica do trabalho na perspectiva do neoliberalismo determina a construção de um perfil de trabalhadores que se submetem a uma configuração instável, inconstante e flutuante no campo do trabalho, levando os sujeitos a uma impossibilidade de construir projetos de vida e planejar o próprio futuro. Nesse sentido, há um impacto na organização subjetiva dos sujeitos, que, sem referências temporais e espaciais, podem sofrer uma desorganização subjetiva, comprometendo os processos de simbolização, o que leva ao sofrimento psíquico.

Em contrapartida, ainda que obtenham sustento por meio do recurso financeiro advindo da oferta do trabalho de *delivery*, quando perguntados sobre a possibilidade de amparo, vínculo, proteção e garantias oferecidos pela empresa em caso de acidente ou doença, os entrevistados

denunciam uma realidade em que precisam arcar com os custos, as perdas, os lucros e o tempo. Ou seja, eles são gestores de todo o processo.

É só um acordo verbal mesmo e um cadastro. . . . Teve um amigo meu que esses dias furou o sinal e sem querer derrubou uma mulher e ela quebrou o braço, aí teve que ajudar com as despesas médicas e tal, então, a empresa não tá muito ali, só quer saber se a gente vai fazer entrega ou não (A., 23).

Acidente de moto tem todo dia, pessoas morrem em cima de uma moto, se machucam em cima de uma moto. A gente tem família, cara, a gente não tá aqui a passeio, você vem trabalhar. . . . Se a sua moto deu pau, amigo, esquece, amanhã tem outro no seu lugar. Se você caiu e machucou o patrão não vai ligar pra saber como você tá, ele vai ligar pra saber se você tem alguém pra indicar (W., 35).

Nesses depoimentos podemos perceber como o fenômeno da uberização assimila os princípios neoliberais, como apontam Dardot e Laval (2016). Há uma desresponsabilização do Estado, com a ausência de leis que regulamentem o trabalho de *delivery*. Assim, cada um funciona como empresário de si mesmo, administrando os ganhos e também os prejuízos, o que estimula a livre concorrência entre os trabalhadores.

Como a inserção das empresas-aplicativo no laço social se dá a partir da condição de contratantes, elas se responsabilizam apenas pela oferta dos serviços. Alegam atuar como empresas de cunho digital e, com isso, são responsáveis apenas pela mediação das atividades exercidas pelos trabalhadores ditos autônomos. Além disso, essa dinâmica de funcionamento neoliberal converte a força de trabalho em uma relação de clientela, em que se supõe não haver subordinação, haja vista que o trabalhador tem liberdade para exercer o ofício onde, quando e como quiser (Filgueiras & Antunes, 2020).

Atribuir ao empregado a administração de seu trabalho, custos e riscos, não significa autonomia e liberdade. Pelo contrário, são estabelecidas sobre o trabalhador formas de subordinação ainda mais requintadas e perversas que as convencionais. Esse aspecto pode ser observado quando Alison aponta para um “não lugar” ocupado pela empresa em relação aos danos sofridos pelo funcionário em um acidente de trabalho. Essa expressão é associada à venda e compra da autogestão e da retirada de possibilidades do sujeito de se identificar com o outro. Ademais, a técnica de “si mesmo” é responsável pela inviabilidade do laço social e pela responsabilização plena do sujeito pelo que acontece consigo e com o seu destino (Dardot & Laval, 2016).

Com a pandemia, milhares de pessoas passaram a realizar entrega para serviços de *delivery* e esse crescimento de trabalhadores no setor diminuiu o potencial de renda do serviço. Tal fator contribuiu para o aumento da competitividade entre os profissionais e, conseqüentemente, potencializa as negligências no trânsito e o aumento do número de mortes e acidentes. Segundo Galvão (2019), das 206 pessoas que perderam a vida em acidentes de trânsito no Distrito Federal, 63 eram motociclistas. Além disso, o Infosiga, serviço de mapeamento dos acidentes de trânsito do governo de São Paulo, aponta que houve um crescimento de 45,5% de acidentes entre motocicletas na pandemia e de 13,5% no número de óbitos entre motociclistas (“Infosiga aponta”, 2021). Esses dados são significativos e demonstram uma das formas de expressão do mal-estar na gestão do trabalho na contemporaneidade.

O mal-estar na uberização

Safatle et al. (2021) abordam o neoliberalismo como um modelo socioeconômico que, ao utilizar categorias morais e psicológicas no seu discurso, funciona também como gestor do sofrimento psíquico. A forma de produção neoliberal descobriu que pode extrair mais produção e mais gozo do

próprio sofrimento. Os autores afirmam que as transformações na indústria cultural, apontadas pela escola de Frankfurt, colaboraram para um enfraquecimento da reflexão e da crítica, produzindo uma homogeneização das pessoas e um comportamento de massa. Essa homogeneização do pensamento colaborou para o aumento da exploração do trabalho e também do sofrimento psíquico.

Dejours (1986) alerta que existem organizações de trabalho que representam um perigo para o funcionamento mental dos trabalhadores, podendo provocar perturbações, sofrimentos e doenças físicas e mentais. Segundo o autor, tais sofrimentos podem levar a um aumento de produtividade na medida em que descaracteriza os mecanismos psíquicos utilizados pelo indivíduo como forma de defesa (Dejours, 1987). Descaracterizando os mecanismos de defesa, as organizações se apropriam do sofrimento para que este atue como instrumento de rendimento de trabalho. Assim, dar mais serviço do que alguém pode suportar, ou exigir mais responsabilidade de um trabalhador, faz com que o sujeito se sinta incompetente, fracassado, o que gera cobrança interna e agressividade que são utilizadas como um impulso para a produtividade. A preservação do Eu por meio dos mecanismos de defesa, a exemplo da negação, racionalização, projeção etc., impedem que o trabalhador vivencie o conflito psíquico.

Em seu livro *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos*, Dejours (1985/2017) apresenta a convivência e a troca estabelecida entre os trabalhadores como possibilidade de defesa ante o mal-estar ocasionado pelo trabalho. No entanto, as organizações têm minado a condição de coletividade e as exigências do cumprimento de metas e as promessas de gratificações acarretam um ímpeto de competitividade entre os trabalhadores. Assim, a identificação subjetiva que ocorreria entre um trabalhador e outro ocorre entre trabalhador e empresa. Com isso, a empresa passa a atuar como extensão do sujeito. Essa transformação de si mesmo pela relação com a tarefa supõe a possibilidade de ser completamente habitado pelo trabalho. Logo, a condição subjetiva enfraquecida pelo não pertencimento se torna um solo fértil para as organizações explorarem (Dejours, 1985/2017).

Uma vez que os laços sociais são organizados a partir de um pacto que implica uma condição de troca, como podemos compreender a manutenção desse pacto entre o empregador e o empregado, partindo do trabalho uberizado, na medida em que o último não encontra lugar de sujeito nessa relação? Quais as consequências desse excesso de trabalho e exaustão para o trabalhador?

Segundo Jorge (2008), o aspecto central da concepção freudiana sobre a pulsão (*Trieb*) é sua característica parcial, especificada por uma fonte pulsional, seja ela oral, anal ou outras quaisquer, tendo como alvo a resolução de uma tensão interna. Freud argumenta que uma pulsão surge no limite entre o psíquico e o somático, atuando como porta-voz dos estímulos que provêm das excitações internas. Seguindo pelo caminho das pulsões, o psicanalista também introduz o que denominaria de pulsão de morte (*thanatos*), que tem como principal objetivo romper, desligar e dissolver as unidades e ligações estabelecidas pela pulsão de vida (Freud, 1917-1920/2010).

De acordo com tais pressupostos, o campo social é marcado pelo confronto permanente, insuperável e inseparável do dualismo pulsional, especificamente entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição, que acabam por ordenar e desordenar o simbólico e as relações subjetivas por meio do ligamento e desligamento das pulsões. Dessa forma, a precarização do trabalho presente nos relatos de cansaço, a dor e a ausência de desejo, além da carga horária de trabalho excessiva, compreendem alguns dos efeitos da pulsão de agressão no campo do social (Menezes, 2010). Vejamos os relatos a seguir:

Os horários são divididos em dois turnos, o turno das 8h até 16h e o outro de 16h até 0h. E aí a gente ganha 4 reais por entrega, dependendo da distância, e aí, normalmente, eu gosto de pegar os dois turnos, que aí eu fico de 8h até 0h, vou diretão, aí, depois, eu dou uma ida em casa, quando está mais cansativo, pego um turno só e vai indo. . . . Se você pega os dois, dá 16h por dia, com 1h de almoço.

Dividido em duas meias horas. Meia hora de manhã e meia hora à noite. . . . Acaba que todo mundo desenvolve uma depressãozinha, porque ninguém quer fazer nada. Esses dias, os meninos falam assim, “bora fazer alguma coisa”, aí você fala “não, vou dormir”. Acaba que ninguém quer fazer nada (A., 23). . . . fico até de noite, vou fazendo entrega, acaba que faz umas 15h, em média 14h, das 8h até às 22h . . . é exaustivo, né. A gente acaba ficando exausto, o corpo, a mente. . . . Têm certas dores no corpo que eu não sentia antes, talvez por estar trabalhando tanto, por estar em cima da moto . . . de vez em quando dá uma certa coisa no coração, mas não é nada que preocupa não. Eu acho que é por essa carga horária exaustiva, né. Nível de *stress*. A gente vai perdendo um pouco a saúde, né (V., 31). Eu trabalho de segunda a sábado, de dia, até 17h da tarde, menos no sábado, no sábado é até 12h e todos os dias, menos na segunda à noite, eu faço entrega (G., 24). . . . praticamente eu trabalhava das 11h até 22h30 da noite todos os dias. . . . O mais complicado é que o corpo cansa, a mente cansa, mas o problema é a questão de patrão, de quem recebe, a indiferença que te trata, assim, porque sua moto estragou, você tá na rua, de tarde, tem outro no seu lugar. Nesse mundo aí não tem consideração (W., 35).

Nos relatos dos entrevistados percebemos como o neoliberalismo afeta a subjetividade. Conforme aponta Melman (2008), estamos diante de um novo sujeito, o “neossujeito”, ou sujeito neoliberal, que é produzido pelos dispositivos do desempenho e gozo. As relações sociais são substituídas pelas transações sociais, o que caracteriza uma perversão nas relações. É solicitado ao novo sujeito produzir sempre mais e gozar mais. Trata-se de um discurso empresarial duplo que faz do desempenho um dever e do gozo um imperativo, um gozo desconectado do desejo, ou seja, alheio ao sujeito. Aqueles que não estão em conformidade com o neoliberalismo adoecem. Disso resultam as adições, as psicossomatizações, os transtornos do pânico, as depressões, os suicídios, a fadiga, as dificuldades de aprendizagem etc.

A partir do que é exposto por Alisson sobre a falta de desejo de sair com os amigos, não querer fazer nada, ou mesmo a “depressãozinha”, podemos inferir que tais significantes indicam como o trabalho enquanto força produz o esvaziamento do Eu, e tal esvaziamento ocupa lugar privilegiado na organização subjetiva desses trabalhadores.

As técnicas empregadas e relações estabelecidas não se restringem à alienação, perda de direitos, dignidade e justiça social. Afinal, elas são retratos de uma mudança que reduz o trabalhador a um fator de produção utilizado na exata medida das demandas do capital e na precarização de suas vidas (Abílio, 2020). Desse modo, a gestão moderna é um governo “lacaniano”: o desejo do sujeito é o desejo do Outro e a racionalidade neoliberal produz sujeitos que são conduzidos a uma cadeia⁵ competitiva, levando-os à maximização de seus resultados, expondo-os a riscos e fazendo-os assumir inteira responsabilidade por eventuais fracassos (Dardot & Laval, 2016).

Outrossim, estando aquém de predefinições contratuais, os entregadores ficam inteiramente disponíveis ao trabalho, como é apontado por William, ao falar que não pode estabelecer outros compromissos com o setor da vida privada, ou mesmo quando se refere à sua relação com os filhos, mediada pelo cronômetro do aplicativo e vivenciada na intermitência dos minutos:

Cara, é, é muito difícil. Não tem jeito de eu ter compromisso com nada, você tem compromisso com a instituição que te empregou e só com ela. Porque o que acontece, se abriu o aplicativo, você é responsável pelas entregas desse aplicativo, se eles te ligarem 11h01, você tem que tá pronto pra ir lá . . . como você tá na rua o dia inteiro, alguma hora tinha uma entrega lá perto, entendeu, aí, nesse intervalo de entrega eu passava lá, levava o moleque no futebol, tirava uns dez/quinze minutos com eles, entendeu (W., 31).

5 Leia-se “cadeia” como seguimento e aprisionamento.

Como aponta Pellegrino (1983), a condição para haver laço social é o reconhecimento de que somos seres faltantes e incapazes de pensar, fazer e gerir a vida sozinhos. Em função de nossa incompletude, nos dirigimos ao outro a fim de que este suplemente nosso pensamento, nosso fazer e nossa gestão. A expressão neoliberal acaba por suprimir essa possibilidade, massificando o trabalho, retirando o caráter singular e individual e transformando o trabalhador em uma simples mercadoria de troca. Logo, não há possibilidade de laço social, e o que se estrutura é a “miséria psicológica da massa” (Freud, 1930-1936/2010, p. 83). Em outras palavras, as relações com o outro se tornam precárias, uma vez que não há tempo para as relações familiares e muito menos sociais.

A pulsão é o movimento incessante pela satisfação que não é alcançada, bem como é o desejo de perspectiva capitalista, que se configura em uma constante pelo “a mais”. “A mais” de capital, “a mais” de lucro, “a mais” de mercadoria. Desse modo, quanto mais próximos do discurso capitalista, mais próximos da pulsionalidade. Assim, discursos neoliberais, sobretudo o apresentado pelas empresas-aplicativo aos trabalhadores de *delivery*, impulsiona-os na busca por metas, atuando na condução massiva dos sujeitos à adoção de medidas pulsionais agressivas para lidar com a frustração. Portanto, eles criam, com seus sintomas, gratificações substitutivas, que, no entanto, causam ou tornam-se fonte de sofrimento (Freud, 1930-1936/2010).

Mais-valia versus menos de vida

O conceito de mais-valia pode ser compreendido pela diferença entre o que o trabalhador produz e o valor que ele irá receber como pagamento. Suponhamos que um entregador faça, no dia, um total de vinte entregas, mas ao final do expediente receba um valor equivalente à entrega de dez pedidos. Esta diferença entre o que foi entregue e o que o trabalhador de fato recebeu é chamada por Karl Marx (1867/2013) de mais-valia. É justamente este sobretrabalho (“a mais de trabalho”) fornecido pelo trabalhador que garante o lucro capitalista.

Assim como grandes fábricas se instalam em países subdesenvolvidos em busca de uma força de trabalho barata, as plataformas digitais buscam reduzir seus gastos trabalhistas, visto que, ao passarem parte de suas responsabilidades para os ditos “empreendedores”, contratam uma quantidade extremamente reduzida de empregados, livrando-se de custos, mantendo os ganhos e continuando no controle da produção. Ademais, as empresas têm aprimorado seus mecanismos de controle e exploração quando estabelecem metas e bonificações, ou mesmo ao venderem autonomia plena (Abílio, 2020). Esses fatores denunciam uma atualização da exploração e precarização da vida.

Com isso, o chefe não mais impõe sua autoridade, mas sim fortalece e motiva. A coerção econômica transforma-se em autocoerção, tendo em vista que você é a empresa de si e responsável pelo que lhe ocorre (Dardot & Laval, 2016). Desse modo, é necessário que os trabalhadores também adquiram a possibilidade de decifrar e elaborar a condição de precarização posta. Alguns desses aspectos podem ser observados a partir da fala de Alisson sobre a sua relação com as metas e, também, da possível satisfação de Vitor ao relatar o dia a dia no trabalho:

. . . vamos supor que você fez cinquenta, aí você fala “não, eu vou fazer cem”, aí você faz cem e você fala “não, vou fazer cento e cinquenta. Aí o tempo vai passando, vai passando, aí no outro dia você fala “hoje vou bater a meta que eu bati ontem”, e aí você vai de novo. Aí acaba que você não tem vida. Porque todo dia você quer fazer um pouco mais pra poder ganhar um bocadão, assim, só que quanto mais você roda, mais você gasta . . . o dia que a gente não bate meta a gente volta bem chateado (A., 23).

. . . no *delivery* é gratificante, é um escape, é um desgaste do corpo, mas que o corpo desestressa. Enquanto o outro tem o desgaste mental, me deixa meio pesado, o outro descarrega, dá um pouquinho

de adrenalina, moto e tal. Mas tem o desgaste do corpo, né, fica meio cansado o corpo, mas a mente fica boa, não sei se dá um equilíbrio. Não sei até que ponto é equilíbrio, né, os dois é desgastante, você ficar 14h é desgastante, mas ao mesmo tempo é um escape pra mim, o serviço de entrega (V., 31).

Pensando a partir da psicanálise, Quinet (2007) aponta que o capitalismo promove uma nova economia libidinal, ao colocar a mais-valia no lugar da causa do desejo. Como apresentado anteriormente, Alisson fala sobre a atualização do papel dessa busca pelo “mais” na relação de trabalho, na qual a exigência pelo cumprimento das metas passa a ser exercida pelo próprio funcionário. Diferentemente do sujeito de obediência, o sujeito do desempenho está livre da instância de domínio, portanto é senhor e soberano de si (Han, 2015).

Em sequência, o desgaste e o excesso de trabalho também são apontados como fatores que contribuem para o aumento dos acidentes e negligência da vida. No entanto, Vitor vê o desgaste e a força de trabalho suprimida como alternativas de escape e equilíbrio. Em outras palavras, pode-se pensar que “os adoecimentos psíquicos da sociedade do desempenho são precisamente as manifestações patológicas da liberdade paradoxal” (Han, 2015, p. 16), ou seja, um adoecimento advindo da ilusão de liberdade e autonomia de trabalho, condição tal que exigirá cautela dos profissionais para identificação de um estado alienante ocasionado pelas atuais formas de trabalho.

Além do que foi apresentado, o gozo negado ao indivíduo é parcialmente restituído sob a forma de mercadoria, fazendo-o acreditar que a falta, nesse caso de direitos, recursos e/ou garantias, será preenchida por algum produto. O sujeito, assim, não se dá conta de como está enredado no circuito capitalista e de como está posicionada sua satisfação, como é o caso de Geovana, apresentado a seguir, em que, para ela, a satisfação advém da possibilidade de garantir ao filho a posse de algumas mercadorias:

Eu não sei, eu gosto sabe, porque não sei se é costume, mas eu gosto de trabalhar em dois empregos. . . . Mas é satisfatório sabe, é muito bom, eu não sei explicar o porquê, mas a gente que é mãe, a gente simplesmente faz. É por ele também, sabe. Eu gosto de trabalhar, eu gosto de ter esse conforto e de ter mais condição, se ele chegar aqui agora e pedir qualquer coisa, um brinquedo, alguma coisa, eu posso dar. É bom isso, é satisfatório . . . (G., 24).

Essas demandas, em certa medida, são ofertadas pela via da compra e da mercadoria. Não obstante, para cada “a mais” de mercadoria destinado ao filho, têm-se um “a menos” de cuidado e presença. O “a mais” se converte em “a menos”: menos prazer, menos saúde, menos tempo, menos vida.

Considerações finais

Jessé Souza (2017) escreve, em *A elite do atraso: da escravidão à Lava-Jato*, que a semente societária do Brasil é a escravidão. Desse modo, os atuais modelos crescentes de trabalho no âmbito digital “vêm demolindo a separação entre o tempo de vida no trabalho e o de vida fora dele, uma vez que vem apresentando como resultado perverso o advento daquilo que denominamos escravidão digital” (Antunes, 2020, p. 15). Souza (2017) está certo ao apontar que a escravidão é parte estrutural da sociedade brasileira, uma vez que a falsa condição de liberdade e autonomia ofertadas pelas plataformas de *delivery* são análogas à concessão de liberdade das pessoas escravizadas no Brasil. Portanto, trata-se de indivíduos expropriados da condição de sujeito e lançados à própria sorte na busca pela garantia de sua sobrevivência.

Freud (1930-1936/2010) nos indaga com a seguinte questão: “e de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegrias e tão plena de dores?” (p. 47). Nesse sentido,

a quem valeriam as ciências, sobretudo a psicologia e a psicanálise, se não fossem para refletir junto com aqueles que têm como “privilégio” o desamparo, o aviltamento e a servidão, sujeitos regidos por uma mão única do pacto social? A psicanálise não tem como proposta apresentar respostas, tampouco apontar quais caminhos devem ser tomados. No entanto, é necessário que ela se faça presente no questionamento e reflexão dos laços perversos estabelecidos pelo neoliberalismo com os trabalhadores de *delivery*; nas problemáticas de obsolescência desses indivíduos e suas forças de trabalho; nas funções de desejo que vão na direção do capital e nos modos de subjetivação e sofrimento da classe trabalhadora. Assim, intentamos dar voz a esses indivíduos para que possam se reconhecer enquanto sujeitos e construir narrativas para a saída da condição de alienação social.

Por fim, a partir deste estudo, podemos perceber que o processo de uberização desloca o sujeito para a condição de não sujeito. Os relatos de informalidade no trabalho, ausência de seguridade, extremo cansaço e exaustão são indícios da necessidade de adotar uma postura crítica em relação aos efeitos do capitalismo para a subjetividade do trabalhador. Assim, compreendemos que a escuta e o acolhimento desses profissionais, sobretudo uma escuta do real que os cerca, tem papel fundamental no processo de elaboração de suas condições de subordinação. A partir disso, esses profissionais podem encontrar caminhos para reinvestir no próprio Eu e construir recursos para desalienar-se das dinâmicas neoliberais de exploração.

Referências

- Abílio, L. C. (2020). Uberização: Gerenciamento e controle do trabalhador *just-in-time*. In R. Antunes (Org.), *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0* (pp. 111-124). Boitempo.
- Academia Brasileira de Letras. (s.d.). *Uberização*. <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/uberizacao>
- Albornoz, S. (1994). *O que é trabalho* (3a ed.). Brasiliense.
- Antunes, R. (Org.). (2020). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. Boitempo.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Dejours, C. (1986). Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 4(54), 7-11.
- Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho* (5a ed.). Cortez-Oboré.
- Dejours, C. (2017). *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos*. Dublinense. (Trabalho original publicado em 1985)
- Dockhorn, C. N. de B. F., & Macedo, M. M. K. (2016). Estratégia clínico-interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 31(4), 529-535. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/18068>
- Filgueiras, V., & Antunes, R. (2020). Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In R. Antunes (Org.), *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0* (pp. 59-78). Boitempo.
- Freud, S. (2010). *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917-1920)
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930-1936)
- Freud, S. (2014). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914-1916)
- Galvão, V. (2019, 24 de novembro). Aumento de entregadores levanta alerta a acidentes e questões trabalhistas. *Correio Brasileiro*. https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/24/interna_cidadesdf,808723/aumento-de-entregadores-levanta-alerta-a-acidentes-e-questoes-trabalhi.shtml
- Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço* (E. P. Giachini, Trad.). Vozes.

- Infosiga aponta crescimento de 45,5% nos acidentes de trânsito entre motociclistas na pandemia. (2021, 07 de julho). *Diário de Jacaré*. <https://diariodejacarei.com.br/geral/infosiga-aponta-crescimento-nos-acidentes-de-transito-entre-motociclistas-na-pandemia>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Desemprego*. <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>
- Jorge, M. A. C. (2008). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais* (5a ed.). Jorge Zahar.
- Lustoza, R. Z. (2009). O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. *Ágora*, 12(1), 41-52. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000100003>
- Marx, K. (2013). *O capital: crítica da economia política* (R. Enderle, Trad.; Vol. 1). Boitempo.
- Melman, C. (2008). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço* (S. R. Felgueiras, Trad.). Companhia de Freud.
- Menezes, L. S. (2010). *Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulsão de domínio e servidão* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da USP <https://doi.org/10.11606/T.47.2010.tde-19102010-120022>
- Pellegrino, H. (1983, 11 de setembro). Pacto edípico e pacto social (da gramática do desejo à sem-vergonhice brasileira). *Folha de S.Paulo*. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5638230/mod_resource/content/1/Pellegrino%20-%20Pacto%20ed%C3%ADpico%20e%20pacto%20social.pdf
- Quinet, A. (2007). *A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade*. Lacanian Memory. http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet_Ciencia.htm
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348
- Safatle, V., Silva, N., Jr., & Dunker, C. (Orgs). (2021). *Neoliberalismo como gestor do sofrimento psíquico*. Autêntica.
- Souza, J. (2017). *A elite do atraso: Da escravidão à Lava-Jato*. Leya.

Endereço para correspondência

fabriciogoncalves914@gmail.com
elzilaine_mendes@ufcat.edu.br
emilse_naves@ufcat.edu.br

Recebido em: 10/03/2022
Revisado em: 07/03/2023
Aprovado em: 20/03/2023

